



O TRATAMENTO DADO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Alceane Bezerra Feitosa¹ (UFPI)
alceano_bezerra2@hotmail.com

Júlia Maria Muniz Andrade² (UFPI)
juliam_andrade@hotmail.com

Karla Dayane Silva Monteiro³ (UFPI)
karladayanemonteiro@gmail.com

Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa⁴ (UFPI)
costacatarina@uol.com.br

RESUMO: O livro didático de Língua Portuguesa (LDP) é o principal instrumento de ensino nas escolas, ele é, em muitos casos, o único instrumento utilizado para a transmissão dos conhecimentos a respeito da língua. Diante desse aspecto, cumpre-se investigar como o livro didático de Língua Portuguesa de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, aprovado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), aborda os aspectos da variação linguística, sabendo que para um dado livro de LP seja aprovado, o mesmo deve apresentar em suas páginas, além de outros aspectos, os aspectos de variação e heterogeneidade linguística. Para tal verificação, o trabalho se ancorou na metodologia proposta por Lima (2014), a qual sugere quatro questões com o intuito de verificar a presença da variação linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa. Além de Lima (2014), utilizou-se outros teóricos que deram sustentação em nossas discussões, dentre eles, Soares (1997); Brasil (1998, 2016); Mollica (2015); Faraco (2008, 2015); Cecílio e Matos (2006) Coracini (1999), Silva e Carvalho (2013) Coelho (2007), Manini (2009); Rodrigues (2010); Cavaliere (2014) e Martins, Vieira e Tavares (2014). Após as análises, foi possível verificar que o tema da variação linguística aparece na obra, não de forma esperada, mas apenas em uma seção destinada à variação linguística e esporadicamente em alguns exercícios ao longo do livro, evidenciando mais uma vez a inserção da temática de livros de LP apenas para o cumprimento de uma norma do PNLD.

PALAVRAS-CHAVE: Livro Didático. Variação Linguística. Sociolinguística.

ABSTRACT: the textbook of Portuguese Language (LDP) is the main instrument of education in our schools, it is, in many cases, the only instrument that our teachers use for the transmission of knowledge about the language. In this aspect, investigate how the textbook of LP by William Robert Cherry and Thereza Cochar, approved by national plan of the Textbook (PNLD), discusses aspects of linguistic

¹ Especialista e Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Email: alceano_bezerra2@hotmail.com

² Especialista e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Email: juliam_andrade@hotmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí- UFPI. Professora da Faculdade Internacional do Delta na área da linguagem e tutora de Educação a Distância da Faculdade Maurício de Nassau-Parnaíba. Email: karladayanemonteiro@gmail.com

⁴ Professora Doutora da Universidade Federal do Piauí- UFPI. Email: costacatarina@uol.com.br



variation, knowing that for a given book of LP is approved, the same shall present in its pages, in addition to other aspects, aspects of variation and linguistic heterogeneity. For such verification, leaned on the methodology proposed by Lima (2014), in which the same suggests four questions in order to verify the presence of linguistic variation in Portuguese Language textbooks. In addition to Lima (2014), other theorists who have given support in our discussions, including Shah (1997); Brazil (1998, 2016); Mollica (2015); Faraco (2008, 2015); Caecilius and Matos (2006) Coracini (1999), Silva and Carvalho (2013) Rabbit (2007), Manini (2009); Rao (2010); Cavaliere (2014) and Malik, Vieira and Tavares (2014). After analysis, it was possible to verify that the subject of linguistic variation appears in the work, not expected, in all the construction, i.e. in all sections, but only in isolated sections, designed specifically to the treatment of variation, demonstrating once again that the LP books, just insert the subject to compliance with a norm of the PNLD for it to be approved.

KEYWORDS: Didactic Book. Linguistic Variation. Sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

A Sociolinguística vem ganhado espaço cada vez maior nos estudos linguísticos, sobretudo a partir da década de 1960 com os estudos de Labov. Apesar de a Sociolinguística já ter se consolidado como uma disciplina de caráter científico, dentro dos estudos linguísticos, com vários trabalhos e com grandes pesquisadores na área, para Lima (2015), trazer à tona, em pleno século XXI, o tema da variação linguística com o intuito de explicá-lo ou justificá-lo, deveria causar em todos os pesquisadores que a estudam e que conhecem a sua história, no mínimo, grandes lamentações.

Essas lamentações de que fala Lima (2014) estão ligadas ao fato de que os livros didáticos de Língua Portuguesa sentem a necessidade de justificar, quando o fazem, o tema da variação linguística, quando, na verdade, este tema deveria estar embutido em outros conteúdos como a sintaxe, a leitura e no texto, por exemplo, sem a necessidade de uma justificativa. Além disso, é importante destacar que essa temática muitas vezes é mal compreendida pelos profissionais da área de Língua Portuguesa, estes muitas vezes ignorando o caráter heterogêneo da língua.

Assim, este trabalho tem por objetivo principal analisar um livro de Língua Portuguesa, da coleção Português Linguagens do 6º ano do Ensino Fundamental de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, buscando verificar de que forma se da presença e, conseqüentemente o tratamento a Variação Linguística, atentando para os três aspectos que fazem com que um dado livro seja aprovado ou não

pelo Plano Nacional do Livro Didático(PNLD), a saber: a interdisciplinaridade, a cidadania e a heterogeneidade, focando neste último aspecto, onde a variação linguística pode ser observada com mais nitidez.

Portanto, utilizou-se o percurso metodológico postulado por de Lima (2014), na tentativa de responder as questões norteadoras dessa pesquisa, com o intuito de verificar a presença da variação linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa.

A primeira delas, é verificar se a variação linguística é uma constante na obra ou aparece de forma pontual, isolada? A segunda refere-se à adequação da terminologia aos padrões científicos ao mesmo tempo em que é acessível ao aluno? A terceira questão tem o intuito de observar se há a utilização de gêneros textuais que sejam representativos das variantes linguísticas abordadas, em situações reais de uso? E por fim, observar se os fenômenos abordados estão coerentes com a realidade linguística do Português Brasileiro?

Desse modo, para o desenvolvimento deste trabalho, uma reflexão sobre Sociolinguística, desde o seu cerne até a concepção atual. Na sequência, focalizou-se, particularmente, a variação linguística, observando de que maneira ela pode contribuir para um ensino de Língua Portuguesa mais enriquecedor. Houve uma discussão sobre o livro didático de Língua Portuguesa, evidenciado sua relevância para o ensino de Língua Materna. Dando prosseguimento, apresentou-se os passos metodológicos e, por fim, as análises do presente estudo.

2 A SOCIOLINGUSÍSTICA: DO CERNE A CONCEPÇÃO ATUAL

Ao se pensar na história dos estudos linguísticos, a de se pensar que a língua(gem) foi concebida de diversas maneiras ao longo da história. A primeira delas e, a que mais perdurou, foi a de que a linguagem estava atrelada a expressão do pensamento, concepção sustentada tanto pelos gregos quanto pelos latinos.

Somente a partir do século XX, com Ferdinand Suassure, linguística genebriano, tal concepção passa a ser superada, passando, a língua, a ser concebida como

instrumento de comunicação. Desse modo, a ser entendida com um código que torna possível a transmissão de uma mensagem de um emissor para um receptor.

Contudo, apesar de Suassure, em seu celebre Curso de Linguística Geral, texto organizado por três de seus alunos, das notas tomadas em sala de aula, ter, de fato, trazido grandes contribuições para a sistematização da língua, dando-a um caráter científico, ele deixa de lado os aspectos sociais da linguagem (trazidos pela *parole*), priorizando, desse modo, os aspectos estruturais (*langue*).

A Sociolinguística, portanto, surge como disciplina dentro dos estudos linguísticos, pela necessidade de se levar em consideração os aspectos deixados de lado pelos estudos estruturalistas, no quais levavam apenas em consideração os aspectos da estrutura da língua. Diante disso, a Sociolinguística Variacionista, também denominada de Sociolinguística Quantitativa, surge com o intuito de estudar a relação entre heterogeneidade linguística e heterogeneidade social, isto é, a relação entre as variedades linguísticas e sociais.

No que diz respeito ao surgimento e desenvolvimento da Sociolinguística, pode-se dizer que tal fato se dá a partir da década de 60, mais especificamente no ano de 1963, data em que Willian Labov publica um artigo a respeito de uma comunidade de fala, a saber: Ilha Marthas's Vineyard, litoral de Massachussetts. Em tal pesquisa, Labov relacionou, em suas análises, fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico dos nativos da ilha, principalmente no que se referia à pronúncia de determinados fones do inglês. Entretanto, para Cavaliere (2014), o ponto de partida da Sociolinguística se dá, somente, com o texto *The Social Stratification of English in New York City*, publicado em 1996, também de autoria de Labov.

Carvalho (2013) defende que o que marcou oficialmente a instauração da Sociolinguística como uma subárea da linguística, foi o congresso organizado por Willian Brighth, ocorrido na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, evento do qual participaram pesquisadores que posteriormente vieram a ser grandes referências na área

da Sociolinguística, a saber: John Gumperz, Dell Hymes e John Fisher, como também Willian Labov.

É interessante destacar, ainda, que na busca pela genealogia dos estudos Sociolinguísticos, Cavalieri (2014 apud Konrad Koerner 1991: 62) “estabelece vínculos acadêmicos entre os linguistas que tinham o interesse comum em estudar dialetologia e a mudança linguística”. Nessa busca bibliográfica, o autor chega à seguinte linhagem nos estudos Sociolinguísticos, que vai de Whitney a Labov:

Whitney



Saussure



Meillet



Martinet



Weinrei



Labov

Figura 1: Genealogia da Sociolinguística segundo Konrad Koerner (1991, p. 62)

A figura acima, decerto, permite verificar, que bem antes no mestre Labov, outros estudiosos já se interessavam pelos estudos sociolinguísticos, não tendo o caráter



de uma disciplina científica, visto que o caráter de cientificidade vem a ser instaurado, somente, a partir de seus estudos.

Na atualidade, a Sociolinguística pode ser compreendida como

[...] uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2015, p. 9)

Mais à frente a autora situa os interesses dos estudos Sociolinguísticos, “são muitas as áreas de interesse da Sociolinguística: contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança constituem temas de investigação na área” (MOLLICA, 2015, p.10). Diante das observações, a Sociolinguística se enquadra como uma subárea de estudos da linguística, que tem como principal interesse em estudar comunidades de fala, associando tanto aspectos linguísticos quanto sociais, caracterizando-se como uma disciplina de caráter interdisciplinar. Além disso, tem em sua base de estudos, o interesse pelas questões de surgimento, desenvolvimento e extinção de fatos linguísticos, bem como se interessa pelas questões da variação e mudança linguística.

Diante do pequeno percurso historiográfico apresentado a respeito da Sociolinguística, que atualmente pode ser denominada de Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Laboviana, e/ou Sociolinguística Quantitativa, verificou-se, que, bem antes da instauração da disciplina como caráter científico, estudiosos já haviam se interessado pelos aspectos dialetais da língua.

Além disso, foi possível perceber as concepções de língua (linguagem), desde a concepção primeira, até se chegar à concepção de língua mais recente, na qual a sociolinguística a entende associada à realidade social, bem como se buscou uma definição da Sociolinguística e de seu campo de interesse.

3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: SUA RELEVÂNCIA PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Inicia-se este tópico com a observação feita por (MARTINS, VIEIRA E TAVARES, 2014, p. 9) de que “um dos maiores desafios das aulas de português diz respeito, sem dúvida, ao tratamento da variação linguística e, fundamentalmente aos saberes gramaticais- permeados por diferentes normas linguísticas – que devem estar presentes na escola”

Como observado pela colocação acima, um dos principais desafios, não o único, que a escola tem de enfrentar, diz respeito ao tratamento dado a variação linguística. Pois, na atual conjectura educacional nacional, tem-se nas escolas uma diversidade de estudantes de diversas classes sociais que trazem consigo suas variedades linguísticas para dentro da sala de aula. A escola, portanto, não pode desconsiderar as diferentes normas linguísticas trazidas por esses estudantes. Norma, entendida nesse caso como “fato tradicional, comum e constante, ainda que não necessariamente funcional” (COSERIU, 2004, p. 122).

Assim, se faz necessário que a escola reconheça e legitime a realidade social, bem como a realidade linguística que esses estudantes trazem. Reconhecer no sentido de respeitar e valorizar tais variedades, visto que valorizando a variedade linguística do falante, valoriza-se também o indivíduo, que é reflexo da língua que fala.

No tocante a questão da valorização da variedade linguística dos falantes, os PCN’s de Língua Portuguesa asseveram que se deve “conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado e utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-las às circunstâncias da situação comunicativa de que participam” (BRASIL, 1998, p.33).

Apesar de se ter orientações legais e vários estudos a respeito da importância que se deve dar a variação linguística, ainda assim, se percebe a negligência das escolas em relação ao tema da Variação/diversidade linguística. Sobre isso, Faraco nos diz que:

[...] não podemos mais nos contentar com generalidades. Dispomos já, como produto de décadas de reflexões e debates, de uma formulação geral com diretrizes que incorporam o estudo da variação linguística entre os temas do ensino de português e situam o trabalho com a expressão culta no interior do quadro mais amplo da variação linguística que caracteriza a nossa sociedade. (FARACO, 2015, p. 20)

Faraco evidencia que não é mais aceitável diante da grande produção acadêmica que se tem sobre a temática da variação linguística no Brasil, ainda se trabalhar com generalidades, ou seja, o ensino de Língua Materna pautado em uma única variedade da língua.

O pesquisador segue atestando que mesmo havendo uma boa produção acadêmica a respeito da variação linguística, poucos avanços ocorreram no interior do sistema escolar, pois na prática escolar, ainda predomina uma concepção tradicional da variação linguística e que, ainda, lança mão da régua estreita do certo e do errado, esses, tomados como valores absolutos e não como valores relativos (FARACO, 2015).

No tocante as contribuições da variação linguística ao ensino do português, (MARTINS, VIEIRA E TAVARES, 2014, p. 10), elencam pelo menos três grandes contribuições:

(i) definição apurada de conceitos básicos para o tratamento adequado dos fenômenos variáveis; (ii) reconhecimento da pluralidade de normas brasileiras, complexo tecido de variedades em convivência; e (iii) estabelecimento de diversas semelhanças entre o que se convencionou chamar de “norma culta” e “norma popular”, não obstante os estereótipos linguísticos (LABOV, 1972a).

Neste sentido, Faraco (2008), sugere que tanto as escolas quanto os estudantes devam ter conhecimento das inúmeras variedades linguísticas, para que, assim, possam fazer uso adequado das possibilidades linguísticas que a língua nos oferece. A esse respeito, Costa e Gomes (2015) observam que isso só é possível se o professor de Língua Portuguesa for capaz de promover reflexões em sala de aula a respeito da



diversidade de usos da língua, dos efeitos e das contribuições que tal estudo pode proporcionar na vida dos alunos.

4 LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O termo livro didático foi instituído pela primeira vez no Brasil em 1938, através do Decreto-Lei nº 1006 de 30 de dezembro. O percurso do livro didático é acompanhado de muitas transformações sociais, econômicas e principalmente políticas, adquirindo peculiaridades, atendendo a públicos específicos, processos ideológicos e contextos históricos diversificados.

Segundo Soares (1997), o livro didático de Língua Portuguesa centrou-se por muito tempo em uma perspectiva estruturalista da língua, atendendo um público elitizado, alunos advindos classes de média e alta urbanas. O ensino era pautado no método tradicional que privilegiava a variedade padrão da língua. A autora esclarece que com a democratização do ensino ocorrida a partir da década de 60, evidenciou-se a mudança do perfil do alunado proveniente de periferias urbanas e zona rural.

A inserção desses alunos ocasionou no ensino o que Soares (1997) chama de “mito da deficiência linguística”. A variedade padrão privilegiada que imperava nas propostas dos livros didáticos era imposta à essa nova clientela. A manifestação linguística desse novo público era avaliada como “errada”, visto que as variedades linguísticas não correspondiam com a norma culta. Sobre esse aspecto Cecílio e Matos (2006) esclarecem que o uso linguístico desses alunos era ignorado na tentativa de “concertá-lo” com a aplicação da norma culta em sala de aula e através do livro didático.

Com o avanço das pesquisas linguísticas e o advento dos estudos sociolinguísticos, como citado no início da discussão desta pesquisa, a variação linguística não pôde mais ficar à margem da discussão do ensino de línguas. No âmbito educacional, o estudo metalinguístico da língua, que prioriza apenas o estudo de nomenclaturas, definições, categorização de elementos, já não atende às demandas do

ensino de línguas. As demandas fazem referência ao processo de ampliação dos horizontes discursivos que cercam as práticas de linguagem dos discentes.

A respeito da presença da variação linguística, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa-PCN (BRASIL,1998) consideram a heterogeneidade da língua e propõe um ensino desarticulado do estudo exclusivo da gramática e associado às “variedades dialetais” existentes na Língua Portuguesa. Assim, o ensino deve refletir que

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1998, p. 26)

É nessa perspectiva que a variação entra no ensino de Língua Portuguesa, a partir da percepção da heterogeneidade linguística e da diversidade presente na língua dos falantes. O ensino deve ser pautado nessa concepção que considera, não mais a variedade padrão como única no processo de ensino aprendizagem, mas como umas das variedades representativas da diversidade linguística.

O livro didático, conseqüentemente, como um dos principais instrumentos de ensino nas escolas e que, segundo Coracini (1999), muitas vezes constitui-se a única fonte de leitura por parte dos professores, deve apresentar essa discussão de maneira a se perceber as variedades linguísticas como processo inerente às línguas que se caracteriza em seu caráter sócio-histórico-cultural.

O Plano Nacional do Livro Didático-PNLD, programa que institucionaliza a organização política de avaliação, aquisição e distribuição do livro didático, aborda os parâmetros que devem conduzir esse processo. Nessa discussão, Lima (2014) explicita

as três principais abordagens: a interdisciplinaridade, a cidadania e a heterogeneidade. A primeira que define a necessidade do ensino está pautado na flexibilização das fronteiras entre as disciplinas, gerando significativos reflexos na estruturação do livro didático.

A cidadania que em qualquer sentido utilizado, está ligada diretamente ao aspecto social. E é no exercício da cidadania que consiste a reflexão das diferentes percepções de sociedade, o que leva ao último aspecto, a heterogeneidade. Ponto que aborda o respeito às diferenças. Tais parâmetros guiam a elaboração dos livros didáticos. Dessa maneira, a diversidade deve fazer parte dos conteúdos de um livro didático, percebendo principalmente no livro didático de Língua Portuguesa a presença da diversidade/variação linguística.

O PNLD apresenta um Guia de orientações do livro didático. As orientações permeiam os três níveis de ensino: anos iniciais do ensino fundamental, anos finais e ensino médio. Lima (2014) explicita que as menções ao tema da variação linguística aparecem em três momentos: na parte introdutória, na parte das análises e nas fichas avaliativas dos livros didáticos que são dispostos pelo MEC para avaliação e adoção por parte dos professores.

A discussão desta pesquisa terá como foco as orientações do Guia do PNLD dos anos finais de 2017 que definem como sendo “[...] imperativo, portanto, que a escola abra suas portas para refletir, valorizar e efetivamente trabalhar a variação e a heterogeneidade linguísticas” (BRASIL, 2016). Aqui corrobora-se com a reflexão de Lima (2014) que enfatiza que não se trata apenas de abordar o tema no livro didático, mas de haver um nítido compromisso com a discussão da temática da variação linguística no livro didático. Desse modo, a temática não pode ser um mero pano de fundo para cumprimento de exigências formais de elaboração do livro didático.

O guia também aborda a temática da variação linguística nas orientações sobre os Princípios e Critérios de avaliação do livro didático de Língua Portuguesa:

Considerando-se tanto as demandas de comunicação e/ou conhecimentos linguísticos implicados no quadro acima descrito

quanto as recomendações expressas por diretrizes, orientações e parâmetros curriculares oficiais, o ensino de língua portuguesa, nos quatro últimos anos do novo Ensino Fundamental de 9 anos, deve organizar-se de forma a garantir ao estudante[...] o desenvolvimento da compreensão da variação linguística e no convívio democrático com a diversidade dialetal, de forma a evitar o preconceito e valorizar as diferentes possibilidades de expressão linguística [...] (BRASIL, 2016, p. 18).

Compreende-se que o livro didático deve não somente apresentar a temática da variação, mas garantir ao discente o exercício da cidadania, a partir da reflexão variação linguística enquanto inerente à diversidade social. Deixando claro e provocando discussões acerca da necessidade do respeito a diversidade que se reflete nas expressões dialetais dos cidadãos.

Além de definir a proposta da abordagem da variação/diversidade introdutoriamente e nos Princípios e Critérios de avaliação, o Guia também trata da variação linguística nas Fichas de avaliação, especificamente no item referente aos conhecimentos linguísticos. O professor deve, ao avaliar os livros didáticos de Língua Portuguesa, levar em consideração se os mesmos “Consideram e valorizam a variação linguística na abordagem das diferentes normas? ” (BRASIL, 2016). Discorreu-se “livros didáticos”, em virtude de o PNDL, no processo de escolha do livro didático, disponibilizar um conjunto de coleções de livros didáticos de diversas editoras para que escolas e professores avaliem tais coleções e adotem uma a ser utilizada por um período de três anos (BRASIL, 2016).

Embora as orientações presentes nos PCN e no Guia do livro didático-PNLD explicitem a necessária abordagem da variação linguística e a pertinência de uma discussão mais ampla e contínua no percurso das reflexões presentes no livro didático de Língua Portuguesa, pesquisas apontam críticas a alguns livros didáticos já adotados na última década.

Silva e Carvalho (2013) analisaram dois livros didáticos de Língua Portuguesa do 9º ano do ensino fundamental: Araribá Português e Viva Português. As autoras analisaram a relação de exercícios propostos no livro com a abordagem dada à variação

linguística. Houve a compreensão de que os livros analisados, mesmo fazendo parte do rol dos livros indicados pelo PNLD, “contrariam os objetivos definidos pelo programa para o ensino de Língua Portuguesa”. Os mesmos abordam a língua numa perspectiva de expressão de pensamento não privilegiando propostas de situações de usos da mesma (perspectiva variacionista).

Lima (2014) também analisou a abordagem da variação linguística na Obra Português Linguagens, do 6º, edição reformulada de 2009 de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. A obra também apresentou diversas falhas referentes a abordagem constante da variação ao longo do livro, à terminologia utilizada e adequada ao mesmo tempo aos padrões científicos e ao nível de compreensão dos alunos, dentre outros aspectos. Resultados semelhantes foram encontrados na obra do ensino médio Português: volume único de Domingues Maia. Lima (2014), também discute resultados insatisfatórios de outras pesquisas, como as de Coelho (2007), Manini (2009) e Rodrigues (2010).

O que chama atenção nos dados dessas pesquisas é o fato de todas analisarem obras aprovadas pelo PNDL. A presente pesquisa, então, propõe analisar também um livro didático de Língua Portuguesa, este aprovado pelo PNLD para o triênio 2017-2019. O intuito é verificar o tratamento da variação linguística no livro didático, percebendo avanços ou a permanência de lacunas diante do que propõe a teoria sociolinguística, os PCN e as orientações do Guia do livro didático de Língua Portuguesa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Eleger o livro didático como objeto de análise partiu da percepção deste se configurar, conforme explicitado no corpo teórico deste trabalho, como uma ferramenta, instrumento de grande influência no processo de ensino-aprendizagem e, de modo particular, na prática pedagógica do professor. O livro didático, e de modo específico, o

livro didático de Língua Portuguesa, por muitas vezes representa-se como único instrumento didático em sala de aula, o que conseqüentemente o torna ponto determinante do que e de como ensinar.

A escolha do livro didático como objeto de análise influenciou, de modo significativo, na definição do objetivo da pesquisa, que é verificar o tratamento dado à variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa. Delineando-se, dessa maneira, o perfil da pesquisa como bibliográfica e documental. Bibliográfica por se ancorar em postulados e resultados de pesquisas já realizadas no âmbito da relação livro didático e variação linguística, principalmente nos princípios teóricos de Soares (1997), Silva e Carvalho (2013), Lima (2014), Martins, Vieira e Tavares (2014), dentre outros. Justificando-se como essencialmente documental por se compreender o caráter documental do livro didático enquanto documento de caráter escrito e visual.

Para tanto, definiu-se primeiramente o nível de ensino a ser analisado: anos finais do Ensino Fundamental. Esta escolha deu-se por compreender que nos anos finais do Ensino Fundamental o discente deve participar de um processo reflexivo de discussão sobre a heterogeneidade da língua e a configuração da variação linguística como processo inerente à mesma que estabelece uma íntima relação com o contexto socio-histórico da sociedade. Estando o discente numa postura de formação crítica sobre as demandas comunicativas na participação social.

O livro didático a ser analisado pertence à coleção Português Linguagens do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, tendo como editora responsável a Editora Saraiva. A coleção é da 9ª edição, reformulada, e o ano é de 2015. O Plano Nacional do livro didático-PNLD, disponibilizou seis coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental nos anos finais para a escolha e adoção a partir de 2017. Além da coleção citada acima, têm-se as seguintes coleções:

1. **Projeto Teláris- Português.** Editora Ática. 2ª edição- 2015.
2. **Singular & Plural - Leitura, Produção e Estudos de Linguagem.** Moderna. 2ª Edição- 2015.



3. **Universos - Língua Portuguesa. Editora SM. 3ª Edição -2015.**
4. **Para Viver Juntos – Portuguesa. Editora SM. 4ª Edição- 2015.**
5. **Tecendo Linguagens. Editora IBEP. 4ª Edição – 2015.**

Após análise das coleções elencadas no PNLD, optou-se pela coleção Português Linguagens, especificamente o livro didático do 6º ano, como foco de análise da presente pesquisa. A opção por analisar a variação linguística nesta coleção/ano deu-se por dois motivos. O primeiro, em virtude de esta coleção fazer parte do rol dos livros indicados pelo Plano Nacional do Livro Didático-PNLD proposto pelo Ministério da Educação- MEC. A segunda motivação encontra-se na constatação de que a referida coleção foi eleita por mais de 57% das escolas públicas estaduais do município de Parnaíba-PI⁵ como livro didático a ser adotado e utilizado entre o período de 2017 a 2019⁶.

A coleta e análise dos dados levaram em consideração os postulados de análise propostos por Lima (2014) para análise do tratamento dado à variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa. Quatro questões propostas pelo autor nortearam a análise da presente pesquisa: 1. A variação linguística é uma constante na obra ou aparece de forma pontual, isola? 2. A terminologia se adéqua aos padrões científicos ao mesmo tempo em que é acessível ao aluno? 3. Há a utilização de gêneros textuais que sejam representativos das variantes linguísticas abordadas, em situações reais de uso? 4. Os fenômenos abordados estão coerentes com a realidade linguística do Português Brasileiro?

Esta abordagem teórico-metodológica insere-se na perspectiva da pesquisa aplicada que, segundo Lakatos e Marconi (2006) objetiva gerar conhecimentos de aplicação prática direcionados à resolução de problemas específicos. No caso da presente

⁵ Dados obtidos na 1ª GRE- 1ª Gerência Regional de Educação do Estado do Piauí em dezembro de 2016.

⁶ Orientação do PNLD que esclarece o período de utilização do livro didático pelo aluno: “Os livros didáticos distribuídos pelo FNDE são confeccionados com uma estrutura física resistente para que possam ser utilizados por três anos consecutivos, beneficiando mais de um aluno”. Disponível <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-funcionamento>



pesquisa, questões educacionais dirigidas ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA OBRA

Português Linguagens é uma coleção do ensino fundamental maior com quatro volumes (6º, 7º, 8º e 9º ano) escrita por William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, publicado pela editora Saraiva. Esta coleção é uma das aprovadas pelo MEC-PNDL/2017.

Ao examinar os quatro exemplares da coleção, optou-se por concentrar a análise apenas no livro do 6º ano. A estrutura e organização do livro do 6º ano é a mesma dos demais livros da coleção. Este apresenta quatro unidades temáticas, compostas por três capítulos cada uma, totalizando 12 capítulos ao todo. Cada unidade é introduzida por um pequeno texto e também por um quadro de sugestões de leitura intitulado “Fique ligado Pesquise”, que além de apresentar sugestões de livros, faz indicações de filmes e sites relacionados às temáticas das unidades.

Os capítulos são organizados por seções que se apresentam da seguinte maneira: “Estudo do texto”, “Produção de texto”, e “Divirta-se”. Estas Seções aparecem em todos os capítulos, com exceção do capítulo 3 da terceira unidade, em que não se verifica a seção “Estudo do texto”. Além das seções citadas acima, outras também são apresentadas esporadicamente nas unidades, dentre elas “Para escrever com adequação”, “De olho na escrita”, “Para escrever com expressividade” e “Para escrever com coerência e coesão”.

Para (BRASIL, 2016), a seção “Estudo do texto” centra-se no eixo da leitura, enquanto que a “Produção de texto” é voltada tanto para a modalidade escrita quanto para a oral. Já o eixo dos conhecimentos linguísticos estrutura-se nas seções “A língua em foco” e “De olho na escrita”. Há, ainda, seções que finalizam as unidades: “Passando a limpo” com atividades de questões objetivas e “Intervalo” que apresenta

propostas de projetos didáticos. Por último, na composição da obra, há o “Manual do Professor: orientações didáticas”, que dispõe de um conjunto de orientações teóricas, metodológicas, avaliativas e de um plano de curso dirigidos aos docentes da área.

Como já mencionado, a análise do livro escolhido tem como foco de análise quatro questões norteadoras, propostas por Lima (2014). Tais questões serão apresentadas para o desenvolvimento da análise.

A variação linguística é uma constante na obra ou aparece de forma pontual, isolada?

Na análise, verificou-se que a variação linguística tem foco específico apenas no capítulo 2 da unidade 1, na seção “A língua em foco”. A seção apresenta uma subseção intitulada “As variedades linguísticas”, esta se subdividiu em outras 6 subseções: Norma-padrão e variedades de prestígio, variação linguística e preconceito social, Falar bem é falar adequadamente, Tipos de variação linguística, As variedades linguísticas na construção do texto e Semântica e discurso.

Percebe-se uma boa articulação do assunto com base na teoria sociolinguística, podendo ser identificados termos relacionados à variação como “diversidade linguística”, “variedades linguísticas”, “norma-padrão”, “variedade de prestígio”, “preconceito linguístico”, “gíria”, dentre outros. Há, também, de maneira didática, uma reflexão referente às quantidades de línguas existentes no mundo e aos países que têm a presença da Língua Portuguesa.

O que se pôde perceber, em relação às edições anteriores é que o termo “dialeto”, não é mais mencionado na seção destinada à variação. Verificou-se também que a temática da variação linguística, além de aparecer na seção específica citada acima, aparece também esporadicamente em alguns exercícios ao longo do livro, principalmente em algumas atividades de interpretação textual e nas atividades de planejamento e revisão do texto, como se pode verificar abaixo:

1. “[...] b) A escrita do novo funcionário não segue regras gramaticais ou segue regras diferentes das da norma-padrão? Justifique sua resposta” (p. 48)
2. “ 2. A gíria é uma variedade linguística que pode tanto desaparecer rapidamente quanto ser incorporada ao vocabulário da língua[...]” (p. 79)
3. “ 4. Observe a linguagem empregada no relato lido. Que tipo de variedade linguística predomina? ” (p. 146)
4. “[...] Qual a variedade linguística empregada?” (p. 165)

Com exceção do item 2, que é mais conceitual, os demais exemplos de exercícios podem ser encontrados ao longo do livro, e correspondem à questionamentos que relacionam constantemente a variação linguística à norma-padrão, tendo em vista que gêneros textuais e as respostas sugeridas aos docentes giram em torno da norma-padrão em detrimento das demais variedades.

No que se refere à constância da temática da variação linguística ao longo do livro, analisa-se que o mesmo apresenta maior preocupação com a temática em um capítulo específico e em alguns exercícios ao longo da obra, exercícios esses que analisam a variação a partir da perspectiva da norma-padrão. Por tal análise, acredita-se que, apesar da inserção da temática em alguns pontos ao longo do livro em relação às edições anteriores, esta continua a existir apenas para atender a uma exigência de abordagem do assunto pelo PNLD.

A terminologia se adéqua aos padrões científicos ao mesmo tempo que é acessível ao aluno?

Como mencionado, foi possível perceber a utilização de terminologias relacionadas à teoria sociolinguística. Houve, portanto, a preocupação em conceituar alguns termos como “Variedades linguísticas”, “Variedades urbanas de prestígio”, “Norma-padrão” e “norma-culta”. Apesar dos autores apresentarem a preocupação com a explicação desses termos, concordamos com Lima (2014) que tais termos não se apresentam com clareza para o aluno.

Ainda permanece nesta edição, assim como nas edições anteriores, a falta de um maior esclarecimento dos termos e de uma maior clareza nos conceitos. “**Variedades linguísticas**” são entendidas, somente, como as **variações** que uma língua apresenta em

razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada”. (p.40). De acordo com esse conceito, variedade e variação são apresentadas como tendo o mesmo sentido, embora alguns estudiosos façam a distinção do termo.

Outro exemplo é “**Norma-padrão** é uma referência, uma espécie de modelo ou “lei” que normatiza o uso da língua, falada ou escrita” e “ Variedades urbanas de prestígio, também conhecidas como **norma-culta**, são variedades empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados e de renda mais alta.”. Algumas implicações surgem a partir dos termos “norma” e “cultura”. Qual sentido carrega a palavra norma e a palavra culta? Que implicações sociais e culturais apresentam o termo culto? Acredita-se que a ausência dessas explicações pode dificultar a compreensão da abordagem por parte dos discentes.

Há a utilização de gêneros textuais que sejam representativos das variantes linguísticas abordadas, em situações reais de uso?

Há uma diversidade de gêneros textuais presentes na obra. Alguns gêneros são apresentados na tentativa de abordar situações reais de uso, porém a abordagem não reflete efetivamente tais situações reais de uso, em que se possam perceber as variedades linguísticas existentes na língua.

Alguns gêneros, como a placa e o e-mail, são envolvidos em uma discussão que aborda apenas o grau de formalidade ou informalidade dos mesmos, não sendo explorada a fala espontânea, bem como não realizada uma reflexão em torno da mesma. Não se percebeu, portanto, nos gêneros apresentados, por exemplo, variação regional ou de registro.

Mesmo nas tirinhas de Chico Bento, que apresenta um linguajar caipira, não se observa no discurso apresentado uma representação fidedigna da situação real de fala do Português brasileiro, apesar de a variação linguística ser discutida na tirinha.

Na seção destinada ao estudo do grau dos substantivos, uma tirinha de Maurício de Sousa (p.148) é utilizada para o estudo, mas a explicação dos termos no aumentativo e diminutivo presente no discurso da tirinha faz menção apenas ao uso da norma culta, não fazendo parte da abordagem, por exemplo, que o uso do diminutivo é característico de certas regiões brasileiras e que ganha novas conotações a partir das situações reais de uso.

Ferreira (2016) explica que as variações também se apresentam nas peculiaridades dialetais de homens e mulheres. Para a autora, essas “variações referentes ao sexo podem ser observadas nos diminutivos como “bonitinho”, “gracinha”, “menininha”, sendo usados mais pelas mulheres e aumentativos de nomes próprios como “Carlão” e “Marcão” sendo mais usados por homens”. Os gêneros toram-se pano de fundo para uma discussão gramatical.

Os fenômenos abordados estão coerentes com a realidade linguística do Português Brasileiro?

Levando em consideração que a temática da variação é abordada especificamente em um único capítulo e que as menções à temática ao longo do livro não exploram a essa discussão, pôde-se perceber que não é explorada a coerência entre os fenômenos abordados com a realidade linguística do Português Brasileiro. Os gêneros são explorados, principalmente, a partir de uma reflexão estrutural e gramatical. Esta última não promove uma discussão dos fenômenos linguísticos a partir da teoria sociolinguística.

Há uma única menção ao Português Brasileiro na última seção do capítulo destinado à variação linguística, Semântica e Discurso. Essa menção pode ser observada, apenas, no momento em que os autores apresentam o texto “Futebolista Marquinhos” neste texto, os autores exploram o léxico do texto em exercícios na tentativa de diferenciar o Português Brasileiro do Português de Portugal, como no exemplo: “Identifique duas outras palavras empregadas na notícia, além da apontada na



questão anterior, que permanecem diferentes nas variações lusitana e brasileira do português” (p. 49).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que o ensino de Língua Portuguesa ainda hoje é pautado em regras que são impostas pela gramática normativa, que concebe o “erro” como tudo aquilo que foge da variação padrão. Portanto, na tentativa de superar tal aspecto, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), além de outros critérios, utiliza o critério da abordagem da heterogeneidade linguística como requisito para a seleção de um dado livro.

Neste sentido, destaca-se a grande importância de uma reflexão e uma discussão profunda no ensino de Língua Portuguesa, no que tange a variação linguística no livro didático, tendo em vista que este, como já mencionado é o instrumento mais utilizado no ensino de língua materna, quando não, o único.

Neste estudo, que trata da variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, aprovado pelo Plano Nacional de Educação (PNLD) para o triênio 2017-2019, foi possível verificar lacunas na abordagem da variação linguística. Percebeu-se que, o tratamento ao tema é dado, de forma específica em capítulos destinados ao assunto, não se estendendo para outras partes do livro.

As discussões propostas mostram o livro didático como um instrumento portador de uma discussão ainda superficial sobre a teoria da variação. Nesse sentido, o livro analisado, apesar de apresentar significativa evolução na discussão da temática em relação às edições anteriores, ainda não apresenta uma proposta de reflexão em que a variação seja abordada como processo inerente à língua bem como à participação cidadã do discente.



Desse modo, apesar de os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e o Plano Nacional do Livro Didático proporem que os livros didáticos tragam a temática da variação, percebe-se a presença da variação mais com o intuito de atender às exigências educacionais. Portanto, há a necessidade de que os livros didáticos se atenham com mais profundidade a temática, estabelecendo uma discussão que permeie o livro didático e não se restrinja apenas em uma seção específica.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa. Brasília, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação. **PNLD 2017:** língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais. Brasília, DF, 2016.
- CARVALHO, A.P.L. A variação linguística no livro didático e na sala de aula. 2013. 94f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2013.
- CAVALIERE, R. **Vertentes da sociolinguística no Brasil.** Sociodialeto, Campo Grande, v.4. n. 4, 1-13, maio. 2014.
- CECÍLIO, S.R. **A variação linguística sob o enfoque do livro didático.** Entretextos, Londrina, v.3, p. 391-408, jan./dez.2012.
- CEREJA, William Roberto; THEREZA, Magalhães Cochar. **Português: linguagens.** 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
- CORACINI, M. J.(Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático.** Campinas: Pontes, 1999.
- COSTA, C.S.M; GOMES, Y.L.S. **Varição/Diversidade linguística e o ensino de língua materna:** reflexões sobre a prática docente. In. COSTA, C.S.M; LOPES.I. A; GOMES, Y.L.S (Orgs). **Letramento(s), Variação/diversidade linguística e ensino:** as múltiplas faces. Teresina: Edufpi, 2015.
- FARACO, C.A. **Norma culta brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **As variações da língua.** Disponível em: < <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/v00003.htm>> . Acesso em: 20 de novembro de 2016.
- LIMA, R.J. **Varição linguística e os livros didáticos de português.** In. MARTINS, M.A; VIERIRA, S.R; TAVARES, M.A (Orgs). **O ensino de português e sociolinguística.** São Paulo: contexto, 2014.



MARTINS, M.A; VIERIRA, S.R; TAVARES, M.A. **Contribuições da sociolinguística brasileira para o ensino de português.** In. MARTINS, M.A; VIERIRA, S.R; TAVARES, M.A (Orgs). Ensino de português e sociolinguística. São Paulo: contexto, 2014.

MOLLICA, M.C. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação.** In. MOLLICA, M.C; BRAGA, M.L. (Orgs). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Franciele Marques da; CARVALHO, Marilda Alves Adão. A variação linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa. **Socioleto**, Campo Grande, v.3, n. 9, p.86-106, maio de 2013.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 15^a. ed. São Paulo: Ática, 1997.

STALHL ZILLES, A.M; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Recebido Para Publicação em 08 de abril de 2017.

Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2017.